

O enredo da bolsa e da vida

Eduardo Mendoza

Traduzido do espanhol por
João Pedro George

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



1

Uma atuação estelar

Tocaram. Abri. Nunca o fizera. No patamar das escadas, com o olhar feroz e o gesto intrépido adquiridos após longos anos de disciplina férrea sob o comando de sargentos desumanos, um funcionário dos correios brandia uma carta registrada dirigida à minha pessoa e à minha morada. Antes de receber o envelope, confirmar a minha identidade e assinar o talão, tentei safar-me alegando que ali não vivia tal pessoa, que se tivesse vivido ali estaria agora morta e que, como se isso fosse pouco, o defunto tinha ido de férias na semana anterior. Nem assim.

De modo que assinei, o carteiro foi-se, abriu-se o envelope (com a minha ajuda) e surpreendeu-me encontrar no seu interior um cartão lustroso através do qual o Reitor Magnífico da Universidade de Barcelona me convidava para a solene investidura do doutor Sugrañes como doutor *honoris causa*, ato que teria lugar no dia 4 de fevereiro do ano em curso, no auditório dessa tão prestigiada instituição de ensino. Debaixo da letra impressa, uma nota manuscrita esclarecia que o convite me era enviado por desejo expresso do doutorando.

Que o doutor Sugrañes se lembrasse de mim, apesar do tempo transcorrido desde o nosso último encontro, era duplamente meritório. Em primeiro lugar, porque, com a sua idade, a memória do doutor Sugrañes apresentava falhas ocasionais e era propensa a alguns deslizos. E em segundo lugar porque, tanto quanto me lembrava, era extraordinário

que o fizesse com carinho. Para dizer a verdade, poucas pessoas podiam dar um testemunho mais fiel do que eu da sua dilatada vida profissional, pois o certo é que, para aqueles leitores que estão a entrar na descrição destas andanças sem prévio conhecimento dos meus antecedentes, no passado estive injustamente encarcerado, embora isto não venha agora ao caso, num centro penitenciário para criminosos com perturbações mentais e que esse centro era dirigido a título vitalício e com métodos pouco gentis pelo doutor Sugrañes, razão pela qual surgiram entre mim e ele, como seria de supor, pequenos mal-entendidos, ligeiras discrepâncias e umas quantas agressões físicas, em que eu apanhei quase sempre com a pior parte, se bem que em dada ocasião lhe tenha partido os óculos, noutra rasgado as calças e noutra partido os dentes.

Mas o mais provável, disse a mim próprio depois de ler e reler o convite, era que o doutor Sugrañes desejasse coroar a sua carreira sem guardar rancor a alguém com quem tinha convivido tanto tempo e a quem tinha dedicado tantos esforços profissionais, emocionais e até mesmo físicos. Respondi, pois, aceitando penhoradamente o convite e confirmando a minha assistência ao ato. E como este era solene e o lugar, por assim dizer, de categoria, pedi emprestado um fato de flanela cinzento mais ou menos do meu tamanho e complementei-o com uma gravata de cor carmim e um cravo desabrochado na lapela. Com esta vestimenta julgava ter acertado em cheio, mas não foi assim. Mal apareci, no dia e na hora indicados, à porta do augusto coliseu e apresentei o meu convite, uns quantos esbirros separaram-me dos restantes assistentes, conduziram-me a um cubículo todo desarrumado e, num tom que não admitia réplica, obrigaram-me a despir. Quando conservava sobre a minha pessoa apenas as peúgas, puseram-me uma bata de hospital de *nylon* verde, fechada à frente e apertada atrás por intermédio de umas tiras, que deixava a descoberto os glúteos e áreas conexas.

Levaram-me nestes preparos, mais à força que de bom grado, até uma sala ampla e sumptuosa a abarrotar de público, e fizeram-me subir a uma tribuna, junto à qual, envolto numa toga e num barrete, perorava o doutor Sugrañes. A minha aparição foi seguida de um silêncio expectante, que o conferencista quebrou para me apresentar como um dos casos mais difíceis que tivera de enfrentar ao longo de uma vida inteiramente dedicada à ciência. Assinalando-me com um ponteiro, descreveu a minha etiologia com profusão de tergi-versações. Em várias ocasiões tentei defender-me das suas acusações, mas foi em vão: assim que abria a boca, as gargalhadas do público sufocavam a minha voz e, com ela, as minhas fundadas razões. O doutorando, pelo contrário, era ouvido com respeito. Os mais aplicados tiravam apontamentos. Por sorte, a comunicação acabou cedo: depois de referir alguns episódios, vergonhosos para mim, que fizeram as delícias da assistência, o doutor Sugrañes terminou a faena perseguindo-me por todo o auditório com um clister.

Concluído este segmento do ato académico entre grandes aplausos, e enquanto algumas alunas de mestrado lançavam, agradecidas, pétalas de rosa sobre o novo doutor, devolveram-me ao cubículo onde tinha deixado a minha roupa. Qual não foi o meu espanto quando encontrei ali um antigo companheiro de sanatório, que durante muitos anos nunca mais voltara a ver, mas cuja recordação tinha permanecido indelével: Rómulo, *el Guapo*.

Quando ingressei na instituição médico-penitenciária antes mencionada, Rómulo, *el Guapo*, estava ali há pouco mais de meio ano e já tinha conquistado o respeito dos outros reclusos e a animosidade do doutor Sugrañes. Eu ganhei depressa a segunda e nunca o primeiro. Rómulo, *el Guapo*, era jovem e de feições muito garbosas, pois era incrivelmente parecido com o Tony Curtis, quando estava no auge da sua arte e da sua beleza. Ser parecido com o Tony Curtis pode ser bom ou mau, conforme a perspectiva. Ora, num manicómio

isso é irrelevante. Porém, Rómulo, *el Guapo*, não era apenas garboso de rosto e atlético de constituição, mas também elegante de porte, suave no trato e inteligente e muito reservado. Dos seus antecedentes ninguém sabia nada, embora alguns rumores lhe atribuísem malfeitorias extraordinárias. No início evitou a minha companhia e eu não procurei a sua. Uma tarde, Luis Mariano Moreno Barracuda, um rufião da sala B, que dizia ser o Zorro, Chu En-Lai e a Enciclopédia Espasa, sem que nada justificasse tais atribuições e menos ainda a soma delas, tentou fanar-me o lanche. Discutimos e, por causa de um pedaço de pão duro sem nada dentro, o outro deu-me uma surra. Rómulo, *el Guapo*, interveio para repor a paz. Quando o consegui, Luis Mariano Moreno Barracuda tinha um braço partido, faltava-lhe meia orelha e sangrava do nariz. Meteram-nos aos dois na cela de castigo e a Barracuda na enfermaria, de onde saiu convencido de ser os supracitados e além disso Jessye Norman. Quando íamos a caminho da cela, Rómulo, *el Guapo*, sussurrou-me: *Homo homini lupus*. Pensei que me estava a dar a absolvição. Num manicómio, estas coisas acontecem. Soube depois que era um homem com leituras. Por causa da reclusão e das conseqüentes mangueiradas, surgiu entre nós uma sólida amizade. Apesar da diferença de carácter e de cultura, unia-nos o facto de estarmos presos por várias arbitrariedades judiciais. Naquela altura, Rómulo, *el Guapo*, estava casado com uma mulher de grande beleza que o visitava com frequência e lhe levava comida, tabaco (antes fumava-se), livros e revistas. Partilhava a comida e as revistas comigo, mesmo sabendo que não haveria reciprocidade, porque a mim ninguém me visitava. Numa ocasião em que por raiva foi acusado sem motivo, surgiu como garante da sua boa conduta. Em resultado disso, voltámos a partilhar a cela de castigo. A precipitação com que nos fizeram abandonar o sanatório e o pouco interesse de todos em prolongar a estada nele impediram que nos despedíssemos como seria normal entre companheiros.

A última vez que nos vimos íamos em trajes menores. Agora reencontrávamo-nos, muitos anos mais tarde, e eu continuava em trajes menores. Ele, em contrapartida, vestia um fato azul de bom corte, gravata às riscas e um sobretudo verde-bosque e calçava mocassins bem lustrosos. Também conservava o seu antigo porte, inclusivamente continuava a ser parecido com o Tony Curtis, mas, tal como a este, notava-se-lhe o esforço que tinha de fazer para continuar a ser como era.

Fundimo-nos num caloroso abraço e caiu-lhe o capachinho. Superado este momento embaraçoso, e depois de me informar de que tinha sido convocado para a cerimónia de investidura na qualidade de suplente, perguntou-me o que tinha sido da minha vida desde a última vez que nos tínhamos visto. Antes de responder, por pura cortesia, interessei-me eu pela sua. Como nessa altura já me tinha acabado de vestir, suspirou e disse:

– Ai, meu caro amigo, a minha história não pode ser contada em meia dúzia de minutos! Mas, se dispuseres de tempo, se tiveres o desejo ou a bondade de a ouvir e aceites que te convide para petiscarmos algo, posso contar-ta em pormenor.

Aceitei, encantado, a proposta, pois nada me comprazia mais do que a possibilidade de retomar a nossa antiga camaradagem; saímos do douto recinto sem que ninguém reparasse em nós e entrámos numa taberna ali perto. Rómulo pediu uma dose de anchovas, um copo de vinho branco para ele e uma Pepsi-Cola para mim. Comoveu-me que ainda se lembrasse dos meus gostos. Uma vez servidos, Rómulo começou a descrever a última parte da sua acidentada biografia.